

livros



Este espaço vai ser seu. Que filme, peça de teatro, livro, exposição, disco, álbum, canção, concerto, DVD viu e gostou tanto que lhe apeteceu escrever

sobre ele, concordando ou não concordando com o que escrevemos? Envie-nos uma nota até 500 caracteres para ippsilon@publico.pt. E nós depois publicamos.

Ficção

Quando quisermos ir para o céu

valter hugo mãe traz para uma escrita que é tudo menos realista uma realidade raramente em cena, a pobreza e a loucura que habitam nos excluídos. **Maria Conceição Caleiro**

O Apocalipse dos Trabalhadores
valter hugo mãe
Quidnovi, €14,94€

★★★★★



Confesso que de valter hugo mãe só tinha lido alguma poesia, cujos títulos me "encrespavam". Agora li de enfiada a ficção. Surpresa grande, confesso, não coro de o dizer. "Apocalipse dos Trabalhadores" é um livro admirável cuja mestria estilística nos manipula e inebria do princípio ao fim. Toada camiliana, mas muito mais. Assoma-se o universo

de Rilke, terrível como os anjos (ou os espíritos ou os ecos). Obra sombria, apocalíptica, niilista em parte, mas só em parte, mordaz, actualíssima (versa uma realidade portuguesa contemporânea ainda pouco ou nada abordada pelo romance), onírica, devastando o futuro por vir de cada um, mas ao mesmo tempo profética. As personagens não renunciam ao paraíso, a uma promessa ainda premente de felicidade, isto é, ao amor; irrenunciável, o céu, vivenciando as figuras o inferno, cada um à sua maneira: em vida ou não, em sonhos - pesadelos - ou não.

Um exemplo: um cenário idílico (e ilusório), uma espécie de miragem feliz feita (e logo desfeita) à medida de cada um em Vila Flor, algures lá para lá de Mirandela, cenário abstracto reduzido a pontos de intensidade onde se reúnem as principais personagens: "a casa da etelvina era uma espécie de miradouro para uma longa paisagem de montanhas abrindo verdes perante a passarada eufórica que voa irrequieta por ali. a casa de etelvina era um ponto de telhado na encosta, pequena de tamanho, extensa de visitas, como se ali estivesse o único do mundo. a maria da graça, a quitéria e o andriy passaram a quinta da veiguinha e seguiram um pouco mais (...) até encontrarem o caminho certo para aquele lugar inacreditável. (...) a etelvina recebeu-os emocionada (...). passaram casa adentro até o outro lado, onde a paisagem se despegava por lá fora a perder de vista e o mundo se parecia ajoelhar aos corpos humanos tão pequenos. houve um instante em que terão parado de pensar, só percebendo o colorido daquele verão por aquelas bandas e apreciando a facilidade de viver assim. a etelvina pusera-lhes cadeiras prontas e uma mesa onde serviu um vinho perfeito e um bolo que ela mesma fizera. (...) nos campos de vila flor espalhou-se a noite assim, todos os quatro destruídos, recolhendo-se aos quartos para um sono difícil em que, por motivos diversos, acordariam insistentemente, aflitos de tristeza, como se viessem à tona para respirar, afundando-se de seguida em pesadelos e sobressaltos contínuos. (...) quando levaram para a mesa do alpendre o pão torrado, a manteiga, o leite, o café, as cerejas doces e o comendo sem queijo de cabra, sentaram-se maria da graça e etelvina esperar ninguém (...) a quitéria e o andriy dormiam e elas duas (...) barravam o pão e engordavam as duas sem homem algum de leste".

Transcrevemos um excerto grande porque ele é emblemático do estilo de valter hugo mãe, da força da letra tornada sensível, isto é, da sua literatura: a toada musical da frase que se espraia, a reiteração de sons consonânticos e vocálicos, a poeticidade das imagens, a frescura dos frutos, a redução ao essencial bíblico dos

alimentos (assim como da paisagem ao verde que se abre, ao telhado como ponto na encosta)... Noutras passagens, é a arte do diálogo em declinação contínua e perfeita, a sua intromissão inesperada na narrativa, o encadeamento de pontos de vista que se metamorfoseiam à medida que o livro se sucede... Afinal quem é quem? Os intervenientes:

Maria da Graça, protagonista, casada com Augusto, embarcado, figura pouco presente, fanfarrão que se gaba à chegada do valor das mulheres cruzadas em cada porto. Maria da Graça paulatinamente tenta envenená-lo com gotas de lixívia na sopa ou outro abrasivo, quando pode lixívia "gourmet", isto é, "Neoblanc azul denso-activa". Trabalha a dias em casa do senhor Ferreira, o maldito, velho, "porco" de 76 anos que ama e que "se põe nela" e apenas "a comia com um dedo mindinho" e a usa "convicto de que nunca teria nenhuma responsabilidade sobre o assunto". O maldito que terá feito toada dela - assim crê - alguém mais inteligente e culto no seio de uma intimidade doméstica desigual mas

gratificante para ambos: "a maria da graça baixava a música, pedia desculpa por tomar a iniciativa e afirmava que lhe era difícil encetar o chão da sala com aquela gente toda a ciao ao mesmo tempo. ele podia trocar o disco pelas suítes para violoncelo de bach e dizia, quando morreu, bach deve ter explicado a deus o que é a música".

Quitéria, a cúmplice e amiga, que foi mulher-a-dias também, e a seguir ascendeu: sempre que o padre a chama, tornou-se carpedeira em velórios de fraca audiência. Quitéria procura associar a amiga, sempre são 50€uros ("salário de médico"). Elas são "fundo da sociedade": "nem temos direito de ir abaixo, já lá estamos por natureza".

O senhor Ferreira, um génio que partilhava com Maria da Graça o gosto por Goya e o Requiem de Mozart, essa música fúnebre com que até encenou a própria morte que cometeu. O senhor Ferreira, talvez um "homem de ouro" embora ela não anteviesse.

O Andriy, vindo da Ucrânia, estranhando tudo, ignorando a língua e o resto, explorado →

A mestria estilística de valter hugo mãe inebria-nos



BAÍA AZUL SUMMER FEST
SÃO MARTINHO DO PORTO

02 RABIH ABOU-KHALIL
FEAT. RICARDO RIBEIRO
DEOLINDA

03 TOUMANI DIABATE & THE SYMMETRIC ORCHESTRA

09 SUMMER JAZZ ORCHESTRA
FEAT. RÃO KYAO

10 SÉRGIO GODINHO
AGOSTO ENTRADA LIVRE